

CRISE SANITÁRIA OU CRISE CIVILIZATÓRIA?



Editora Amanajé



Contato

editoraamanaje0@gmail.com

[@editora_amanaje](https://www.instagram.com/editora_amanaje)

amanajearquista.blogspot.com

A presente tradução foi realizada a partir da versão em espanhol do Manifesto do Círculo de Comunistas Esotéricos Santiago do Chile, março de 2020.



Encoraja-se a difusão desse texto, bem como aviso de possíveis erros de modo a tornar o texto melhor para todos.

Amanajé

BREVES NOTAS SOBRE A COVID-19 E O CAPITALISMO

"Aos judeus estava proibido examinar o futuro. A Torá e a oração instruem-nos, em vez disso, na recordação. E isso vinha desencantar-lhes com o futuro, ao qual aqueles que recolhem informações com advinhos são vítimas. Porém, por isso mesmo, não se converteu o futuro em um tempo vazio e homogêneo aos judeus. Dado que assim, cada segundo constituía a pequena porta pela qual Messias podia adentrar." Walter Benjamin, *Sobre el concepto de historia*

O universo cinematográfico bombardeou-nos até a exaustão com os seus filmes de catástrofe: zumbis, alienígenas, monstros nucleares, tornados com tubarões, meteoritos, vírus, bombas atômicas e tudo o que se possa pensar que possa afetar e comprometer a existência ao ponto de anulá-la ou reduzi-la ao mínimo. A humanidade enquanto condição do humano como cisão do animal foi preparada, pelo menos simbolicamente, para o seu desaparecimento durante muito tempo.

O aparecimento do Covid-19 durante os primeiros dias de 2020 é a materialização de todo este projeto que estava em curso ou, pelo menos, é a transferência para o mundo material de um projeto imaginativo. No entanto, nenhuma medida adotada pelos vários Estados à escala global se aproxima sequer daquilo a que a ficção nos tinha habituado. O espaço de ficção que é a cinematografia habituou-nos à distância, tanto real como imaginária, a fim de entrar num mundo simbólico diferente. Distância que também entendemos como uma divisão produtiva para não confundir que o que acontece no ecrã é uma ficção que difere do que acontece neste lado,

evitando cair na paranoia de que o que acontece ali é verdadeiro, mas pelo menos tem um índice de veracidade. Agora esta distância é anulada pela antecipação que o filme dá à realidade.

O tom espetacular que a catástrofe assume do seu antecedente midiático acaba por gerar a ideia de que todas as catástrofes devem ser rastreadas até ao que as indústrias culturais geraram e que, portanto, todas as catástrofes devem ser narradas e representadas de forma espetacular. Se Frédéric Jamestown afirmou que "é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo", a situação atual que se abre com a pandemia de Covid-19 exige uma reformulação desta frase. Com os comentários da população no espaço digital e analógico, bem como a cobertura mediática, e, por outro lado, as medidas de prevenção de desvios que têm sido tomadas em todo o mundo, são evidentes que se a atual crise do capitalismo se encontra a um nível nunca antes visto, o fim do mundo imaginado a partir de tal crise é igualmente apoteótico.

Mas não é por acaso que este desejado fim do mundo é tão apoteótico, nem que é exclusivamente um produto da indústria cultural. Em termos da psicanálise, as fantasias sobre o fim do mundo são projeções do próprio colapso do indivíduo, devido a uma divisão do self, o resultado de processos esquizoides que encontram no modo de produção capitalista moderno um terreno fértil capaz de projetar e introjetar tanto medidas autorrepressivas como transbordamento narcisista. O jogo de posições duplas, opostas e contraditórias, em torno da mesma questão é a lógica constitutiva da nossa subjetividade empobrecida.

Voltando à distância entre a representação cinematográfico-fotográfica e o que poderíamos chamar "vida cotidiana", há uma característica particular que pode ser detectada nesta distância entre ficção e a realidade - no caso da existência específica desta última de forma uniforme e totalizante - e que é que nos filmes há um elemento que atua como um fator que não é ponderado: a produtividade do trabalho humano com as suas contradições no plano material dentro do mundo capitalista moderno.

Num mundo centrado na produtividade, na autovalorização do valor e na desvalorização do trabalho humano, uma crise sanitária nunca é exclusivamente uma crise destas características porque o que se revela são precisamente as condições e contradições do modo de produção, a sua administração social e as formas de socialização que dela decorrem. Neste sentido, a circulação global do Covid-19 vem exprimir contemporaneamente a circulação da mercadoria que a precede. Há muitos antecedentes históricos: a peste bubônica da Ásia à Europa, a gripe e a varíola do Velho Mundo ao "Novo Mundo", a gripe espanhola no início do século XX são o corolário epidemiológico da expansão global do capitalismo. Um microrganismo é mais letal do que um dispositivo, mas isto não é uma questão de saúde, mas sim da dimensão da economia política e das suas formas de administração e gestão.

O salto qualitativo da era moderna consiste em ter transformado o conceito de guerra de uma perspectiva militar para uma perspectiva

socioeconômica operacional. "A guerra é a continuação da política por outros meios", observou Karl von Clausewitz no século XIX, o que se manifesta em estados de catástrofe como o que estamos a viver atualmente. Além disso, temos de considerar que uma boa parte da intervenção teórica deste autor teve lugar quando, de fato, houve uma distinção entre milícias e sociedade civil, uma divisão que contemporaneamente foi pulverizada ao ponto de equipar a sociedade a uma guerra permanente.

A sociedade é cada vez mais vista como uma máquina de guerra, que desencadeia uma série de forças que se exprime na ideia do inimigo interno, cujo assentamento nos territórios coincide frequentemente com a expansão sistemática da lógica do capital para todas as esferas da vida que tem sido chamada de "neoliberalismo". Desta forma, todos os conflitos políticos são imediatamente desencadeados no terreno económico, que se torna a verdadeira continuação da guerra, para além do espetáculo da chamada política internacional. A economia não seria mais do que a continuação da política por outros meios.

Este estado de guerra econômica permanente, uma vez que não pode ser resolvido externamente como um conflito armado, é resolvido internamente por cada órgão como um estado de guerra interna contra tudo o que dificulta a reprodução do capital. Isto não se limita às medidas de vigilância e controle - em que Agamben enfatiza, por exemplo - mas estende-se a cada indivíduo em particular, a uma internalização do conflito em cada indivíduo não só como agente produtivo/consumidor/cidadão, mas fundamentalmente na sua experiência do mundo, que passa a ser vivida

como algo imediatamente hostil, algo que só pode ser resolvido através da divisão, tanto de si próprio como da sua própria experiência.

Estamos na presença de um terror que não é imposto através da repressão física direta, mas através da introdução do terror na psique de cada indivíduo, que através da exploração de medos que têm a sua origem em fantasias infantis, permite a criação de uma subjetividade esquizoide, que na sua ambivalência é a mais apta a receber e transmitir ordens, ao mesmo tempo em que as rejeita porque não permite que a sua própria subjetividade seja construída ou libertada.

O autoconfinamento no espaço privado é a internalização da especulação financeira, com o seu colapso bolsista global e um colapso gradual das políticas econômicas neoliberais. O distanciamento social propagado hoje em dia como medida de precaução é a expressão internalizada do isolamento subjetivo-econômico. A política de autocuidado é a consumação da política narcisista da sociedade de mercadorias porque é realizada individualmente e não coletivamente, libertando forças individuais que em nenhum momento se cruzam com forças comunitárias. O narcisismo social é propagado, mas não uma forma alternativa de vida que se opõe àquela que torna possível este tipo de narcisismo.

O que se exprime e procura no espaço privado é a capacidade de cada indivíduo para não se aborrecer. Séries, filmes, livros, atividades em linha, videoconferências, etc., acabam por se tornar um paliativo à possibilidade de tédio. Por outras palavras, em face de uma crise de saúde, o

que importa é não cair nesse espaço vazio que é o tédio. Que humanidade vazia, alienada e empobrecida nos tem acontecido!

Uma pobreza inteiramente nova caiu sobre nós ao mesmo tempo em que o enorme desenvolvimento das forças produtivas e da tecnologia está a promover, e a imaginar, viagens no tempo e no espaço para lugares remotos no universo. E o reverso dessa pobreza é a riqueza sufocante de ideias que se deu entre o povo - ou melhor, com as quais se depararam - à medida que a astrologia e a sabedoria do yoga, a Ciência Cristã e a quiromancia, o vegetarianismo e a gnoses, a escolástica e o espiritualismo foram reavivados. Uma vez que a contradição material entre escassez real e escassez artificial não está resolvida, a saída que resta é o "enriquecimento espiritual" que torna esta contradição mais tolerável.

Esta pobreza já não pode ser caracterizada do ponto de vista dos recursos materiais ou do ponto de vista da distribuição dos rendimentos, porque o empobrecimento da experiência é de uma ordem qualitativa. A pobreza da nossa experiência é apenas uma parte da grande pobreza que assumiu uma nova face, tão exata e perfeita como a dos mendigos da Idade Média.

Qual é o valor dos bens da educação se não estivermos unidos a eles pela experiência? E onde a sua simulação ou sobreposição nos leva é algo que a horrível malha híbrida de estilos e visões de mundo do século passado nos mostrou tão claramente que devemos considerar uma honra confessar a nossa pobreza. Sim, confessemos: a pobreza da nossa

experiência não é apenas pobre nas experiências privadas, mas nas da humanidade em geral. É uma espécie de nova barbárie.

Haverá aqueles que professam que a pandemia de Covid-19 foi propagada pelo turismo internacional. Eles estão parcialmente certos ao pensar assim. O problema que se destaca nesta formulação é que o próprio turismo e a forma como se desenvolveram nos últimos setenta anos é um produto da pobreza sistêmica em que nos encontramos. Por que é que as pessoas vão fazer turismo? Principalmente para fugir ao cotidiano do mundo. Ninguém vai como turista a um mundo que conhece, porque tudo lhe é familiar. Ser turista é expor-se de forma mediada a outros mundos, procurando reforçar a experiência do que já é conhecido, verificando que o que é procurado como novidade foi o que foi prometido de antemão.

Neste sentido, o turismo é o oposto de aventura, uma experiência antecipada e encerrada pela circulação de mercadorias à escala global. Onde se procura novidade, só existe o mesmo mundo mercantil do qual se tenta fugir, reforçando a condição de uma individualidade fraturada, desmoronada mas não liquidada, que só se pode expressar como um nihilismo hostil face ao mundo. O fato de muitos dos infectados não se terem isolado do resto da população é um sintoma de uma pulsão de morte generalizada, que em nenhum caso é uma expressão individual, mas coletiva.

Também não faltará quem termine por levantar a bandeira do "humano-vírus" ou "capitalismo do vírus", que acaba por ser tão irracional como o que provoca esta reação. Neste sentido, é possível estabelecer uma homologação entre o "cada homem por si" que alguns Estados

desenvolveram e a máquina higiênica dos totalitarismos do século XX, que visava o desaparecimento forçado de uma grande parte da população. A única resposta que tem sido tomada como eficaz face à crise sanitária da Covid-19 é a repressão e o controle populacional, técnicas sociais que têm sido amplamente conhecidas e divulgadas durante décadas.

Apesar disso, o exército de reserva produtiva/consumidor continua em movimento porque a produção não pode parar e alguém - sempre Outro, nunca Eu - deve ser sacrificado. Todos os Estados preferiram salvar a economia em vez de salvar o povo. Isto é válido tanto para o presente como para o futuro, porque embora já existam sinais claros da crise econômica que se tem arrastado pelo menos desde 2008, à medida que os dias ou meses passam, a crise irá piorar se não for salva desde agora. Vai ser um amanhã de pessoas no desemprego ou no endividamento crescente dos bancos, que serão novamente enriquecidos pela pobreza das massas e pelos salvamentos que lhes são concedidos por todos os Estados.

Há aqueles à esquerda hoje que clamam por um estado protecionista de estilo antigo, mesmo nas suas táticas do movimento operário clássico com certos apelos a uma Greve Geral frente ao Covid-19. Os apelos a um estado mais forte "para nos proteger", também apareceram, algo que no Chile vemos desde a revolta de Outubro e o seu prolongamento como eclosão social até aos dias de hoje. Aqui a Greve Geral não pode ser um apelo voluntarista pelo simples fato de que, dado o panorama, é articulada como uma medida sanitária e que recai, quer queiramos quer não, numa medida de controle. Já pensou nessa possibilidade regressiva?

É incrível saber que os limites do processo civilizador capitalista moderno nos levaram uma vez mais a pensar que o Estado é a única salvação possível num mundo em crescente decomposição. Acreditamos que o que está a desmoronar-se em algumas partes do mundo ocidental é o Estado neoliberal. É uma questão de ver como as pessoas reagiram ao Covid-19 em Espanha, Itália e Chile, três países geograficamente distantes mas com estruturas institucionais muito semelhantes e próximas. Ao existirem sistemas de saúde muito limítrofes, o que resta é a repressão e o controle. Nada tem sido preventivo, mas apenas repressivo.

O Estado neoliberal em decomposição, com todas as nuances que podem existir entre os diferentes Estados particulares, torna claro que não há possibilidade de salvação perante uma emergência como a que vivemos hoje se não for através do controle e da repressão. Este princípio é básico porque onde o mercado foi desencadeado como um segundo poder da primeira ordem em termos de gestão da sociedade, tende a atuar através do desdobramento exponencial do sujeito automático tão bem conhecido e que agora chega a um ponto em que, com todo o seu poder e arrogância, decide mais do que nunca sobre a vida das pessoas.

Não é surpreendente, portanto, que a vida de cada pessoa e a totalidade de todas as vidas vale menos do que a produção que deve ser poupada a todo o custo. O Estado neoliberal não foi colocado em crise por uma ação de massa ou por um micro-organismo, mas por si mesmo, privilegiando o seu papel administrativo de vida mercantil. O guardião deu

um muro na cara, colocando-se fora de ação. Mas ele voltará reforçado e pronto para ser outra pessoa, para ser ele próprio novamente.

A única saída para a crise sanitária é questionar os limites e projeções do projeto civilizacional em que nos desenvolvemos e que manifesta a sua crise de uma forma galopante com milhares, e possivelmente milhões, de mortes em todo o planeta a partir de um episódio específico. Esta humanidade está condenada à morte e a uma pseudovida, razão pela qual é necessário que nasça um novo tipo de humanidade, que aprenda e incorpore de forma negativa o que a civilização moderna-capitalista lhe deu. Não se trata de encontrar o verdadeiro significado da humanidade porque ela não existe como tal, mas apenas como uma articulação histórica específica. Não há humanidade essencial, mas há a possibilidade de transformá-la constantemente na história. Não há lugar onde esta essência de "o humano" possa ser resgatada.

Essa possibilidade reinventiva é o que chamamos **COMUNISMO**.